

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

UMA ESCOLA PARA PRODUIR DEBILÓIDES

Por que a violência? — foi o tema da redação do vestibular de uma grande Universidade particular, na zona sul do Rio de Janeiro. A preocupação da banca examinadora foi escolher um assunto do conhecimento de todos, face à gama de informações que os candidatos recebem, através dos meios de comunicação de massa. Em nosso Rio de Janeiro, todo mundo sabe o que é violência. Pois bem: o resultado do exame de redação foi 80,14% de zeros!

Resultados desoladores que mostram uma juventude sem leitura. Uma juventude que não consegue trabalhar as informações que recebe. Uma juventude que não sabe como expressar seu pensamento. Os candidatos que fizeram o vestibular não eram de Nova Iguaçu nem do interior do Brasil. Em sua maioria, eram solteiros, do sexo masculino e tinham, em média, 18 anos. Em sua maior parte, residem na zona sul, concluíram o 2º grau em colégios bons da rede particular e não trabalham.

Face aos dados expostos, como justificar os 80,14% de zeros? A professora que ajudou no vestibular e publicou suas conclusões no JB (28/7/80) constatou que as redações demonstraram falta de organização mental, ausência de lógica no raciocínio, desconhecimento do emprego da norma culta, falta de criatividade, presença marcante de chavões, incapacidade de trabalhar as informações recebidas, ausência de pensamento crítico, pobreza de vocabulário, impropriedade no emprego das palavras, incapacidade de definição, de conceituação e abstração.

Marcante está o precário desenvolvimento mental dos candidatos. O desempenho revelado demonstrou apenas a capacidade de o candidato pensar através

de problemas concretos, em objetos reais concretos, não em abstrações. Constatase o uso de palavras altamente sofisticadas, embora os candidatos revelassem apenas vagamente a consciência de seus significados. O nível de desenvolvimento demonstrado classifica os candidatos, segundo o grande psicólogo Piaget, na fase operatória concreta, o que equivale à faixa etária de 7 a 11 anos de idade.

Sabemos que as crianças provenientes da classe operária têm menos chance de entrar na escola. Mesmo quando conseguem escolarizar-se, recebem um ensino de mais baixa qualidade. O resultado será, sem dúvida, um baixo nível educacional. Não se pode omitir outros fatores, como a deficiência nutricional que prejudica a educação, não apenas porque a criança com fome tenha dificuldade de aprender, mas porque o prejuízo ocorre pelo retardo na aprendizagem e no desempenho psicológico, mesmo que a fome tenha ocorrido antes da criança ingressar na escola.

Como então justificar os 80,14% de zeros. Os candidatos frequentaram boas escolas. Seu nível social permitiu que eles tivessem acesso aos mais sofisticados recursos pedagógicos. Seu material escolar era abundante e diversificado. Aquelas escolas são assistidas por supervisores pedagógicos, orientadores educacionais e psicólogos escolares. A previsão de resultados tinha que ser a melhor possível. E foi o que vimos. — Restam as perguntas: Dá pra botar remendo novo em pano velho? A escola inserida no sistema pode dar frutos não desejados pelo sistema? Missão da escola, em sociedade proibida de participar, não é exatamente proibir de pensar?

IMAGEM GRITANTE NA HISTÓRIA

1. Ai, vocês já foram tocados do mal do consumismo, meus irmãos. Até suas malocas, plantadas no distante das últimas florestas, chegaram os humanos engenhos, criados pelos brancos, para manipular brancos e vermelhos, amarelos e negros, cafusos e mulatos, curibocas e mestiços, todas as cores do arco-íris e do mundo. Venceu-nos a grã sedução. Nem vocês escapam. Ninguém escapa. Mas vocês ainda conservam os traços da inocência e da profecia que os outros perdemos e choramos. Vocês eram nossa esperança.

2. Neste mundo poluído, corpo e alma, vocês ainda são nossa esperança. É por isso que eu te peço, irmão Juruna, levanta a tua voz, que é pura e forte, pra defender os teus irmãos. Desmascara, sem receio, a louca hipocrisia dessa História mal contada e dessa vida mal vivida. Canta, em teu português gostoso, o sofrimento do teu Povo e os sonhos de tua raça. Malha rijo e forte, com exemplos vivos, todos os equívocos, todas as misérias e todos os crimes que nós cometemos, esmagando fracos, explorando irmãos.

3. Conquistando terras e anunciando Cristo, ai, nós todos corrompemos a vida do teu Povo. Ainda é tempo. Acusa rijo e forte, porque todos somos réus diante do Pai e dos irmãos, nós que profanamos o teu Povo e tua raça. Com voz clara percorre teu Brasil de ponta a ponta, denunciando: «Índio é gente. Índio é não criança. Branco precisa não potregar índio, índio se potrega. Índio quer terra que é terra de índio, quer não reserva, quer escritura. Índio é gente, índio é dono de Brasil». Grita forte, meu irmão Juruna. (A. H.)

DO REINO E SUA JUSTIÇA

EM VOSSAS MÃOS, MEU PAI

• Olho os anos de vida. Quantos são? Quantos ainda poderão ser? Olho todos os caminhos que andei, às vezes seguro ou hesitante, às vezes alegre ou sofrido, às vezes marcado de esperança ou de fracasso.

• Valeu a pena, Senhor e Pai? 'Será que todos os meus passos levaram a qualquer coisa e a qualquer lugar? Será que a vida inteira, por altos e baixos, não foi uma grande e pobre ilusão?

• Tento divisar nas brumas do passado algum ponto luminoso. Quando? Onde? Como? Não sei dizê-lo com certeza. Parece-me que ao longo do caminho fui semeando algumas boas sementes. Nem tudo foi mal.

• Mas como ter certeza? Fecho os olhos. Pergunto a mim mesmo. Pergunto em

vão. Olho em volta e faço parar os meus irmãos, para saber deles qualquer coisa.

• Ah, como passam aflitos de mil coisas. Nem me escutam. Ou quando me escutam, começam também a chorar: Não vês, irmão, que este é também o meu problema. Estou só. Absoluta solidão no cosmo.

• Na solidão faz-se luz. E na luz, que é luz do Amor, que é luz de Cristo, eu escuto a voz do Espírito que diz a palavra libertadora: "Estás nas mãos do Pai". Será preciso a escuridão total, a total solidão — tu sozinho no cosmo absoluto — para compreenderes o mistério do Amor? Como cresceste, meu irmão.

2º DOMINGO DO TEMPO COMUM (18-01-1981)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.
Cânticos: "Missa do Menino e sua Mãe". Lp das Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



1. Meu irmão, vamos cantar, eu não vou cantar só! Se sozinho rezo bem, com você vai melhor.

Jesus Cristo, Deus nos céus! Jesus Cristo em Belém! Jesus Cristo entre nós! Como é bom amar assim!

2. Onde dois ou três estão reunidos no amor, também reza entre nós Cristo, nosso Senhor.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém.

S. Irmãos, a todos vocês que Deus chamou em seu amor para a santidade — graça e paz da parte de Deus e do Senhor Jesus Cristo.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Jesus é hoje chamado Servo de Javé, Cordeiro de Deus e Filho de Deus. Tais títulos ajudam a perceber como os primeiros cristãos entenderam a missão de Cristo. O Filho de Deus é o Cordeiro imolado para a salvação da humanidade, assim como o Cordeiro pascal foi imolado para a libertação do povo israelita, quando era escravo no Egito. A obra principal do Servo de Javé é a regeneração dos homens, passando pelo sofrimento da cruz, após o qual ele manda o seu Espírito. Jesus pode dar-nos o Espírito Santo, porque este desceu e repousa sobre ele, conforme o testemunho de João Batista, no dia em que batizou nas águas do Jordão. O Espírito Santo proclama que Jesus é Filho de Deus. E João diz: "Depois de mim vem um que é maior do que eu". É preciso que ele cresça e eu diminua". O sentido da vida cristã é: o Reino de Deus tenha ficado mais acrescido, por causa de minha passagem neste mundo. É profundamente cristão pensar menos o que queremos de Deus e pensar mais o que o Reino de Deus quer de nós.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, reconheçamos as nossas culpas, para celebrar dignamente os santos mistérios (ou outra exortação, convidando para a revisão de vida; depois, momentos de silêncio). Senhor, que nos chamastes a participar neste sacrifício da reconciliação, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, que nos chamastes a participar em vossa comunidade de amor, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, que nos chamastes a participar no vosso plano de amor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

P. Amém.

5 GLÓRIA

Glória! Glória a Deus nos céus! Ao Deus que é santo e bom nosso louvor.

1. Mas ao Cristo Menino nos braços da Mãe, não os gritos nem hinos nem voz de louvor, mas só gestos de fé, alegria e paz, só ternura, carinho e calor.

2. No presépio deitado entre palhas e flor, Jesus Cristo recebe o rei e o pastor. Deus se fez pequenino e se fez Salvador. Glória à Mãe e a seu Filho Menino!

6 COLETA

S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso, que governais o céu e a terra, escutai com bondade as preces do vosso povo e dai aos nossos tempos a vossa paz. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. A 1ª leitura é tirada do Livro do Profeta Isaías (49,3.5-6).

Os primeiros cristãos reconheceram, no Servo de Javé, anunciado pelo profeta Isaías, o Senhor Jesus, Cordeiro sacrificado pela libertação dos homens.

L. Leitura do Livro do Profeta Isaías: «O Senhor me falou assim: Israel, tu és meu servo em quem encontrarei a minha alegria». E agora o Senhor, que me formou desde o meu nascimento para ser o seu Servo, diz-me que lhe reconduza Jacó e reúna Israel. O Senhor deu-me esta honra e o meu Deus tornou-se a minha fortaleza. Disse-me ainda: «Não é suficiente que sejas meu Servo para restaurares as tribos de Jacó e reconduzires os fugitivos de Israel. Vou fazer de ti a luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até os confins da terra». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Profetas anunciaram e Cristo se encarnou. O que era só mistério nascendo se revelou.

1. Como o seio de Maria é fecundo e dá a luz, toda a História amadurece, frutifica em Jesus.

2. Cristo nasce no silêncio e na paz do coração. Nossa vida deve sempre revelá-lo ao irmão.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A 2ª leitura é tirada da 1ª Carta de Paulo aos Coríntios (1,1-3). Paulo se apresenta autorizado por Deus para anunciar a graça e a paz de Cristo aos habitantes de Corinto.

L. Leitura da 1ª Carta de Paulo aos Coríntios: «Paulo, pela vontade de Deus chamado a ser apóstolo de Jesus Cristo, e o irmão Sóstenes, à Igreja de Deus em Corinto, aos santificados em Jesus Cristo, chamados a ser santos, a todos os que invocam o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, onde quer que estejam: a graça e a paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

10 ACLAMAÇÃO



Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia!

1. Aos pastores na noite em parvo veio o anjo anunciando a luz.

Encontraram a Virgem Mãe e, em seu colo, feliz Jesus.

2. No evangelho que vou ouvir, eu encontro a Jesus também. Quero ouvir o que vai dizer, quero alegre vivê-lo. Amém.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A 3ª leitura é tirada do Evangelho de João (1,29-34). João Batista revela Jesus ao povo como Cordeiro de Deus que será imolado, para salvar-nos e dar-nos o seu Espírito.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João.

P. Glória a vós, Senhor.

S. «Vendo João que Jesus vinha ao seu encontro, disse: «Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. É este de quem eu falei depois de mim vem um que é maior do que eu. Eu não o conhecia; mas para que Ele fosse manifestado a Israel, eu vim e batizo em águas». E João deu testemunho dizendo

«Eu vi o Espírito Santo descer do céu em forma de pomba e pousar sobre ele. Eu não o conhecia, mas aquele que me enviou para batizar me disse: «Sobre quem virés descer o Espírito e pousar, esse é o que batiza no Espírito Santo». E eu vi e dou testemunho de que este é o Filho de Deus». — Palavra da salvação. **P. Louvor a vós, ó Cristo.**

12 PREGAÇÃO



(No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE NOSSA FÉ



S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,

P. criador do céu e da terra. /

E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus / onde está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, a Igreja apresenta o cristão autêntico, na pessoa de João Batista, que prepara a chegada de Cristo; elevemos as preces para que nossa vida cristã seja preparação para a vinda de Cristo ao mundo:

L1. Para que nos tornemos mais atentos às qualidades e aos dons dos outros, rezemos ao Senhor.

L2. Para que aceitemos os outros e não nos queixemos tanto de seus defeitos, rezemos ao Senhor.

L3. Para que não queiramos ser mais do que somos e, em nosso lugar, cumpramos nossa missão, rezemos ao Senhor.

L4. Para que nos contentemos com o que recebemos de Deus e lhe demos graças por isso, rezemos ao Senhor.

L5. Para que aceitemos a verdade sobre nós mesmos, sem soberba e sem desânimo, rezemos ao Senhor.

L6. Para que tenhamos consciência de, por nossa vida, sermos os apresentados de Cristo aos outros homens, rezemos ao Senhor.

L7. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor nosso Deus, o egoísmo faz surgir separações e discórdias até naquilo que seria vosso serviço; ajudai nossa comunidade a pôr em comum suas qualidades, a fim de que ela transborde em riquezas humanas e dê sua cooperação para o nosso mundo ser melhor. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO



Vou levar a Deus no altar meus dons, o bem que pratiquei e meus desejos bons.

1. Sobre o altar oferecemos o pão e o vinho ao Senhor, como Cristo recebeu coisas simples do pastor.

2. Os reis magos lhe trouxeram seus presentes de valor; sendo igual o coração, vale o rei, vale o pastor.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Oraí, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Concedei-nos, ó Deus, a graça de participarmos profundamente da eucaristia, pois todas as vezes em que celebramos este sacrifício, torna-se mais presente e mais forte em nós a força da vossa redenção. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)

Santo, santo é Deus nas alturas! Santo, santo é o Menino Deus.

Sobre as nuvens Deus e entre os anjos Deus. Bem maior que o céu, maior que tudo é Deus. No presépio é um pequenino Deus. Entre as mãos da Mãe é um pequenino amor.

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Todas as vezes que comemos deste pão / e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte / enquanto esperamos a vossa vinda.

19 CORDEIRO DE DEUS

Cordeiro de Deus, Cristo nosso Irmão: Cristo, bom pastor, de todos tenha compaixão.

1. Nosso coração traiu, quando a vida mais pesou. Nós pedimos seu perdão, pelo amor que não bastou.

2. Quantas vezes ofender, tantas vezes voltará; nosso pobre coração seu amor perdoará.

20 CANTO DA COMUNHÃO



Os anjos vêm cantando no céu, cantando felizes que Cristo nasceu.

1. Os pastores levam os seus presentes, vão cantando, também estão contentes. Na esperança falam sua alegria e encontram Deus feito uma criança nos braços de Maria.

2. Deus agora ao seu altar nos chama, nos convida a vir porque nos ama. Comunguemos cheios de alegria Jesus Cristo feito também pequeno na santa Eucaristia.

21 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Senhor nosso Deus, fazei que vosso Espírito de caridade penetre até o íntimo de nossos corações; assim, aqueles que se alimentam constantemente com o pão do amor se esforçarão para manter, em sua convivência, os dons da união, da amizade e da paz. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

RITO FINAL

22 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. Todos os seres tendem a procurar a luz. Na luz encontram a vida. Toda vida oculta tende também a aparecer à luz que a ilumina e julga. O ódio secreto, o ciúme oculto, a inveja disfarçada, tudo isso deixa traços na mente, no coração e até na face das pessoas. "O que está oculto será revelado e o que está escondido será conhecido", falou Jesus. Contrariando esta afirmação, muitos pensam que podem fazer o mal para obter um prazer qualquer da vida, contanto que o mal fique oculto, eles não sejam descobertos e não percam a boa imagem. Moral é o que me leva pra frente, imoral é ser descuidado e complicar-se. Se caímos nesta mentalidade, tomemos consciência disso, peçamos perdão a Deus e passemos a habitar na luz.

23 CANTO FINAL

Guiados pela voz dos anjos e da fé, achamos Deus Menino, com Maria e José.

1. Ó Príncipe da paz, ó Deus libertador, transforme nossa vida em aliança de amor.

2. Trocamos dons com Deus, trouxemos vinho e pão, e agora comungamos, recebendo a salvação.

3. Saíndo agora eu vou cumprir minha missão e Cristo, Deus conosco, levarei a cada irmão.

24 BENÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo.

P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém.

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Hb 5,1-10; Mc 2,18-22 /

Terça-feira: Hb 6,10-20; Mc 2,23-28 /

Quarta-feira: Hb 7,1-3.15-17; Mc 3,1-6 /

Quinta-feira: Hb 7,25-8,6; Mc 3,7-12 /

Sexta-feira: Hb 8,6-13; Mc 3,13-19 /

Sábado: Hb 9,2-3.11-14; Mc 3,20-21 /

Domingo: Is 9,1-4; 1Cor 1,10-13.17; Mt 4,12-23.

SITUAÇÕES DE INJUSTIÇA, EIS O GRANDE PECADO

SITUAÇÃO DE PECADO

O homem não é uma peça bem montada, bem conservada e bem alimentada da máquina social. Ele precisa comer, mas também admirar e rezar. Não basta que não seja escravo, ele não pode ser um robô. Por estas razões, toda situação injusta é uma violação dos direitos do homem. O cristão vê mais longe ainda.

Para o cristão, as situações injustas são uma ofensa a Deus, uma recusa de seu plano de amor. São, como disseram os bispos da América Latina em Medellín, "uma situação de pecado"; quer dizer: ganância não é apenas uma maldade individual, ela se cristaliza nas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, e se torna tanto mais injusta e destruidora, quanto mais coletiva e impessoal.

Assim falam os Bispos, no Documento de Medellín: "Onde houver injustas desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais, há também recusa do dom da paz do Senhor e recusa do próprio

Senhor". Em outras palavras, é o que diz o Livro dos Provérbios: "Aquele que zomba do pobre insulta o seu Criador".

UMA SÉRIE DE TEMAS E RELAÇÕES

A fidelidade à libertação dos oprimidos traz à tona uma série de temas e relações que devemos olhar de um ângulo novo: relação entre humanização e libertação; entre desenvolvimento e libertação; entre salvação religiosa e libertação. Uma nova relação pedagógica que tem, como ponto de partida, a situação concreta de opressão.

Devemos olhar, de um ângulo novo, o tema de serviço ao pobre, enquanto sacramento do encontro com Deus: "Tive fome e me destes de comer"; o tema da injustiça enquanto sinal profético da presença do Reino de Deus entre nós. O tema da esperança: a esperança do oprimido é ambíguo; ele toma consciên-

cia confusa da sociedade em que vive, mas ignora suas causas.

O oprimido deseja ser, mas, no fundo, o que ele quer ser é um homem rico e bem realizado; não percebe que, desta forma, de escravo passaria a senhor, de oprimido passaria a opressor. Por isso, nas relações pastorais evitar-se-á tudo o que pressiona e massifica; e colocam-se os fiéis em face dos problemas básicos do homem de hoje, para iniciar a libertação do fatalismo social e religioso.

Sugestões para os grupos: 1. Qual a diferença entre ação social pastoral e ação social não-pastoral? 2. Como relacionar os interesses da sociedade com o anúncio da Revelação? 3. Quais as relações entre libertação e promoção humana? Entre desenvolvimento e libertação? 4. Enumere alguns equívocos da esperança do pobre. 5. O que sua comunidade pode fazer para que cresçam as lideranças cristãs em sua região?

A VIDA EM NAZARÉ

(C. Mesters, *Maria, a Mãe de Jesus*, Ed. Vozes)

O LUGAR: Nazaré, o lugar onde o anjo foi visitar Maria, era um lugar pequeno, um povoado do interior. Ficava meio perdido no alto da serra da Galiléia, um pouco acima do lago. Lugar de pouco prestígio, pois o povo dizia: "Será que pode vir coisa boa de Nazaré?" (cf. Jo 1,46).

AS CONDIÇÕES DE VIDA DO POVO: As casas eram pobres, cavadas, em parte, na encosta do morro. Poucas casas, pouca gente. Todo mundo conhecia todo mundo e sabia da vida de cada um. Tanto assim que, quando Jesus voltou para lá, anunciando o Evangelho, o povo ficou admirado com ele e dizia: "Onde é que ele aprendeu essas coisas todas? Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria?" (Mc 6,2-3).

No interior é assim. Qualquer coisa que um faz diferente dos outros, o povo logo comenta. Nazaré tinha um único olho d'água, ou fonte, para abastecimento de todos. A fonte era um lugar de encontro para as mulheres que carregavam água. Era de lá que as notícias se espalhavam, misturadas com os comentários do povo, como até hoje acontece em muitos povoados e aldeias do interior da Palestina e do Brasil.

AS REUNIÕES DO POVO EM TORNO DA BÍBLIA: Havia por lá uma casa de oração, chamada sinagoga, onde o povo se reunia todos os sábados, para rezar e escutar a leitura da Bíblia, explicada e comentada pelo coordenador da comunidade ou por um dos presentes, convidado para isso pelo coordenador.

Assim, certa vez, Jesus, que não era coordenador da comunidade de Nazaré, foi convidado para fazer a leitura e dar uma explicação ao povo (cf. Lc 4,16-22). Perto da sinagoga, a comunidade mantinha uma escolinha, onde as crianças aprendiam a ler a Bíblia em hebraico. O povo falava o aramaico, como nós, hoje, falamos o português.

MINISTÉRIO DA PALAVRA

LIBERDADE E AUTORIDADE

A Folha: *É fácil entender uma autoridade que se impõe às custas da liberdade ou também uma liberdade que rejeita a autoridade. Mas será possível combinar liberdade e autoridade?*

Dom Adriano: O problema interessa muito a vida interna da Igreja. Por sua natureza a Igreja tem de ser fiel à Revelação. Ora, admitir uma Revelação, isto é: que Deus se manifestou ao seu Povo (cf. Hb 1,1-2) sobretudo em Jesus Cristo, é admitir uma interferência do Absoluto no relativo da humanidade, é admitir que a grandeza do homem está subordinada ao amor de Deus, é admitir que uma autoridade superior impõe certos limites à liberdade do homem. Para ser fiel à Revelação, a Igreja sofre e reza, luta e reflete, procura renovar-se e purificar-se, vive num processo de conversão contínua, mas ao mesmo tempo sabe-se garantida pela assistência do Espírito Santo prometido por Jesus Cristo, assistência que a preserva de erro nas coisas fundamentais. Nesta perspectiva de fidelidade a Jesus Cristo e ao Evangelho é que se coloca o problema da autoridade na Igreja. Trata-se de uma autoridade real, mas de uma autoridade de serviço prestado ao Pai e aos irmãos. Diante dos olhos da Igreja, norteando-a e inspirando-a, está sempre a palavra clara e definitiva do Mestre: "Vocês sabem que os chefes dos Povos os governam com mão dura e que os grandes usam violência contra eles. Entre vocês não deve ser assim. Pelo contrário: quem quiser ser grande entre vocês, seja seu servidor; e quem quiser ser o primeiro entre vocês, seja seu escravo. Como o filho do homem (Jesus Cristo) que veio não para ser servido, mas para servir e para dar a vida para a libertação de todos os homens" (Mt 20,25-28).

A Folha: *Mas o problema continua de pé: também a autoridade de serviço se chocará com a liberdade.*

Dom Adriano: E como isto acontece hoje ainda na vida da Igreja! Cito um exemplo que é de nossos dias e conhecido por todos: o caso Mons. Lefebvre, na sua rejeição ao Concílio Vaticano II e ao Papa Paulo VI. Na tradição de nossa Igreja um Concílio Ecumênico, com o Papa e sob o Papa, exerce a suprema autoridade de Igreja. Durante quatro períodos prolongados de trabalho de 1962 a 1965 reuniram-se primeiro com João XXIII, depois com Paulo VI, praticamente os bispos do mundo inteiro. Foi uma assembléia extraordinária de oração, de trabalho, de sensibilidade para o mundo de hoje, de fidelidade integral a Jesus Cristo, de coerência eclesial. Os documentos conciliares são a tradução do Evangelho para o mundo de hoje, sem nada falsificarem da mensagem redentora de Jesus Cristo, sem quebrarem qualquer vínculo com a tradição de nossa Igreja. Cabe ao Concílio Vaticano II o que sempre coube aos concílios anteriores: suprema autoridade. E agora com uma consciência clara de que, na imitação de Jesus Cristo, essa autoridade suprema é uma autoridade de serviço prestado aos irmãos. Mons. Lefebvre, em palavras e em ações, contesta o Concílio e, por motivos de consciência, segue caminhos próprios em oposição frontal ao Concílio e ao Papa. Que atitude tomou o Papa Paulo VI? Numa coerência total com o Concílio reafirma tudo o que o Concílio ensinava. Tenta por todos os meios a caridade evangélica demonstrar a Mons. Lefebvre que a tradição da Igreja está com o Concílio reunido com o Papa e sob o Papa. Tenta mostrar que a unidade da Igreja e a fidelidade ao Evangelho pede a Mons. Lefebvre uma reconsideração. Mons. Lefebvre fica irredutível. E Paulo VI leva para o túmulo um profundo respeito e uma profunda humildade perante a divergência do irmão.